

PESQUISAS

EM BUSCA DE LALANGUE: PALAVRAS COMO MODELOS DE SENSIBILIDADE

Isabel Jungk*

Este artigo busca fazer uma breve apresentação de minha monografia de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu em Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura, da PUC-SP, finalizada em 2009, sob orientação do Prof. Dr. Claudio César Montoto. O trabalho, intitulado “Modelos de Sensibilidade: *alíngua* e condensação, sentido e motivação”, parte da noção lacaniana de *alíngua* (*lalangue*) e persegue a hipótese de que as palavras (signos linguísticos) surgem motivadas em razão do exercício da função simbólica pelo *falente* (*parlêtre*) e sua correspondente busca de sentido, mostrando como sua arbitrariedade não é constitutiva, mas fruto da necessidade de sua convencionalidade para a comunicação.

Estima-se que o homem fala há aproximadamente 50 ou 100.000 anos (esse início é pouco preciso), mas escreve há apenas 5.000 e, dessa maneira, não existem registros da origem das línguas nem do surgimento das primeiras palavras pois não havia escrita que o possibilitasse. O que de fato aconteceu fica então, velado para sempre. Entretanto,

é possível tecer conjecturas e, sendo a impossibilidade de investigar a origem da língua da ordem do real, simplesmente procuramos elementos teóricos que justificassem nossas conjecturas enquanto tais. Este trabalho é então busca. Um pequenino passo numa busca inacabada, infinita, que se confunde com a própria origem e natureza humanas. Para tanto, chamamos a psicanálise, a linguística, e a semiótica peirceana para dialogarem a fim de construir uma hipótese que, não podendo sustentar-se como verdadeira, pretende-se, ao menos, iluminadora, *insightfull*.

O trabalho é composto por um capítulo introdutório, três capítulos centrais mais as considerações finais. Na *Introdução*, a possível conexão (motivação) entre palavras e seus objetos é apresentada e, no capítulo seguinte, *Alíngua*, conceitos da psicanálise e da linguística são utilizados para elucidar as relações entre o *parlêtre* (falente) e seus mecanismos inconscientes a fim de compreendermos como se engendram as línguas e a linguagem humanas. Em seguida, as palavras como *Modelos de Sensibilidade* são apresentadas, e exemplos e conjecturas são tecidos para mostrar como é possível considerar cada palavra como uma cristalização única do desejo e da sensibilidade humanas. A *Ontologia da Alíngua* também é investigada, tanto pelo aspecto do nó borromeano quanto pelo aspecto semiótico, mostrando

que as palavras não se restringem ao seu aspecto simbólico. Em *Considerações Finais*, discute-se o valor desses modelos que são as palavras e a importância das línguas que elas engendram.

Lacan cunhou o termo *lalangue*, em francês, pela junção do artigo definido “*la*” (“*a*” em português), mais o substantivo “*langue*” (língua). Sua intenção era mostrar que não se trata de uma língua qualquer entre tantas outras, mas daquela língua que é única e fundante para o *parlêtre*. Para Lacan, a via privilegiada de acesso ao inconsciente é a linguagem falada, ou língua, daí o termo *parlêtre*, mistura dos verbos falar e ser, traduzido ao português como *falente*. O sujeito lacaniano é um ser separado da natureza, atravessado pela linguagem pois somente através dela ele tem acesso ao mundo no qual está inserido.

A fala é a manifestação individual e concreta da linguagem humana através de uma língua que, por sua vez, é a faculdade humana de representação (ou linguagem) cristalizada num determinado sistema de signos, num dado espaço histórico-temporal e associada a um determinado grupo de indivíduos. Entre todas as línguas, a língua materna destaca-se, não no tocante a suas características, mas na relação com o sujeito, diferente de todas as outras. A essa diferença, Lacan chamou *alíngua*, que designa a articulação

do desejo com a língua, mais particularmente, com a língua materna, sendo ela a condição de existência do inconsciente e, portanto, do *falente*.

O ser humano nasce sem sua subjetividade constituída, o que acontecerá por exigência do simbólico. Através da clivagem originária, o sujeito será inserido na linguagem, na qual exercerá sua função simbólica (representativa) procurando sua completude perdida por meio do estabelecimento de pontes imaginário-simbólicas com o real circundante. Dessa forma, *alíngua* não é a língua materna em si mesma; ela não é uma língua propriamente dita. Ao nascermos, tudo que nos cerca é real.

Não há relações construídas. Não há sujeito constituído e ainda não há realidade psíquica. Por isso, *alíngua* é a relação imaginário-simbólica que tentamos, e mesmo que necessitamos estabelecer, originariamente, através da língua materna, com o real que nos cerca e que nos escapa. Essa relação entre língua e real, que não pode se dar em nenhuma outra língua que não a materna, é incomparável, e serve como condição para o inconsciente e suas produções.

O desejo é a falta, o furo, a presença de uma ausência, surgido juntamente com a formação do inconsciente, a partir da trilogia necessidade-demanda-desejo. É um impulso, como disse Freud, para reproduzir uma satisfação original, a

completude perdida, numa tentativa de retorno a algo que já não é mais. O objeto do desejo, por sua vez, não é algo concreto, não é da ordem das coisas, mas da ordem do simbólico e, sendo metonímico, coloca imediatamente uma insatisfação em face de toda satisfação obtida, mantendo seu deslizamento constante na cadeia infinita de significantes, já que seu objeto último é um objeto que se encontra perdido para sempre.

Palavras são cristalizações do desejo, são pontes imaginário-simbólicas que o homem cria unindo sons e representações mentais, notadamente imagéticas, visuais. No tocante à linguagem, este desejo deve ser entendido no sentido mais amplo, não em referência àquele desejo direcionado aos objetos, sejam eles coisas ou pessoas, mas em referência àquele desejo constitutivo do ser humano, que, após ser dividido entre corpo e linguagem, fala na busca sempre de um estado primitivo de satisfação, condensando (metaforizando) suas percepções sensórias do real que o circunda, buscando deter o deslizamento contínuo do significante (ponto de *capiton*) para encontrar um efeito de sentido que vai ao encontro de seu desejo de retornar à sua unidade primordial.

Então é possível dizer que as palavras nascem motivadas por esse desejo de *identidade de percepção*. Ou seja, o sujeito, embora seja servo da língua por estar condicionado por essa estrutura que o precede, tem a liberdade, se não total, ao menos enquanto possibilidade, de construir sua mensagem criativamente, impactando essa estrutura na qual está inserido. Essa *função simbólica*, essa competência representativa humana, metafórica, traço criativo indissociável do inconsciente, movida por esse desejo de completude, buscará a *identidade de percepção*, o gozo do sentido, que é um gozo fálico, através desses signos perceptivos que são as palavras. Mas a convencionalidade da língua é necessária à comunicação do grupo, que seria impossibilitada por usos sempre novos do léxico. Daí a aparente arbitrariedade do signo lingüístico, que fica cristalizado, numa aparente e temporária relação entre significante e significado.

Fica mais fácil compreender a “dança” da língua ao logo do tempo em função da competência metáforometonímica constitutiva do inconsciente e, portanto, do parlêtre, que se movimentava sempre na direção da *palavra justa*, que viria cobrir a hiância entre o humano e o real, por ser ela, a transposição do representado, capaz de fazer ver a essência de cada ser. Entretanto, é impossível que

uma palavra se ligue ao objeto que representa em todos os seus aspectos. Neste caso, ela teria que ser o próprio objeto, e não sua representação. Daí a diversidade das línguas, onde cada palavra nasce ligada somente a um dos aspectos do objeto representado (esta é a hipótese levantada neste trabalho), ligação essa que muitas vezes se enfraquece com o tempo, com a necessidade da convencionalidade, levando a uma aparente arbitrariedade do signo linguístico, demandando do sujeito um constante trabalho criativo.

Referências

- ARRIVÉ, M.. 2001. *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. SP: EDUSP.
- BASTOS, C. L.; CANDIOTTO, K. B. B. 2007. *Filosofia da Linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CARVALHO, C. 2003. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. RJ: Vozes.
- CESAROTTO, O. 1995. *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras.
- _____. 2001. *Jacques Lacan: uma biografia intelectual*. SP: Iluminuras.
- CHALHUB, S. 1997. *Assombrosa fala*. In *O sujeito entre a Língua e a Linguagem*. PARLATO, E. M.; SILVEIRA, L. F. B. (Orgs.) SP: Editora Lovise.

DOR, Joël. 1985. Introdução à leitura de Lacan. Volume1. Porto Alegre: Artes Médicas.

FINK, B. 1998. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. RJ: Jorge Zahar Ed.

FREUD, S. 2004. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud. RJ: Imago Ed.

_____.1996. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. RJ: Imago Ed.

GARCIA-ROZA, L.A. 2005. Freud e o inconsciente. RJ: Jorge Zahar.

JAKOBSON, R. 2001. Lingüística e Comunicação. SP: Ed. Cultrix: 18^a. edição.

KAUFMANN, P. (Ed.) 1996. Dicionário enciclopédico de psicanálise. Jorge Zahar Ed.

LACAN, J. O Seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. RJ: Zahar Ed., 1998.

_____. O Seminário 20: Mais, ainda. RJ: Zahar Ed., 2008.

LEITE, M. P. S. 1995. O inconsciente está estruturado como uma linguagem. in Idéias de Lacan. Oscar Cesarotto (org.) São Paulo: Iluminuras.

- MILLER, J. A. 1996. *Matemas I*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1996.
- MILNER, J. C. 1987. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MOTTA, L. T. 1995. *O abismo da palavra*. In *Catedral em obras: ensaios de literatura*. SP: Iluminuras.
- NANCY, J.; LABARTHE, P. 1991. *O título da letra: uma leitura de Lacan*. SP: Editora Escuta.
- NASIO, J. D. 1993. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. RJ: Jorge Zahar Ed.
- PEIRCE, C. S. 1992. *Collected Papers*. Versão eletrônica, Intelelex.
- PIGNATARI, D. 1979. *Semiótica e literatura*. SP: Cortez & Moraes
- REGO, C. M. 2006. *Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan*. RJ: 7Letras.
- SANTAELLA, L. 1983. *O que é semiótica*. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense.
- _____. 2001. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. SP: Iluminuras.
- SAUSSURE, F. 2006. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

VALLEJO, A.; MAGALHÃES, L. 2008. Lacan: Operadores de leitura. SP:Perspectiva.

VIEIRA, C. H. 1997. O Sujeito entre a Língua e a Linguagem. In O sujeito entre a Língua e a Linguagem. PARLATO, E. M.; SILVEIRA, L. F. B. (Orgs.) São Paulo: Editora Lovise.